

Louco afã

DRIBLANDO OS GÊNEROS BINÁRIOS, esquivando-me do postal sépia da família e sobretudo escamoteando a vigilância do discurso. Ou melhor, aproveitando suas lacunas e silêncios; entrementes e entredentes, reciclando uma oralidade do detrito como alquimia excretora que demarca no gozo esfínteriano sua crônica cor-de-rosa. Atenho-me à perturbação desse aroma para comparecer com minha diferença. Como minoria, digo que um risco ou ass-terisco é grafado em sua micropolítica constricta. Estíptica por estética, desmontável em sua viadagem stripper, remontável em sua desviadagem oblíqua, politizante para se *maricompreender*.

A partir de um imaginário maleável, expulso esses materiais excedentes para maquiagem o desejo político em opressão. Devenho coleóptero que tece seu mel negro, devenho mulher como qualquer minoria. Compactuo com seu útero de ultraje, faço alianças com a mãe indo-latina e “aprendo a língua patriarcal para amaldiçoá-la”.

Parodiando seu verticalismo, obliquando-me novamente dos salões de beleza e becos da irmandade travesti. Sacudindo nossas plumas da ruína ideológica que jamais nos incluiu. Ou melhor, para que o vento da fuga utópica não nos atinja com sua depressão. Porque nunca participamos dessas causas libertárias, duplamente distantes do Maio de 1968, demasiado submersos na multiplicidade de segregações. Porque a revolução sexual hoje circunscrita ao status conservador foi ejaculação precoce nesses becos do

Terceiro Mundo, e a paranoia da aids jogou por terra os avanços da emancipação homossexual. Aquele louco afã de reivindicar-se no movimento político, que nunca aconteceu, ficou preso entre os véus da precaução e a economia de gestos dedicados aos doentes.

Pouco ou nada a fazer com esse hospital de naufrágio encalhado em nossa acidentada costa. Um movimento gay do qual não participamos e mesmo assim amargamos a ressaca contagiosa. Uma causa do mundo desenvolvido que assistimos à distância, demasiado anal-fabetos para articular um discurso. Demasiadas tranças soltas flertando com o poder, demasiados falos desempregados para se preocupar com outra coisa.

Enclausurados na sordidez do gueto, costurando o modelito para a discoteca clandestina ou dando uns amassos em algum pé-rapado no veludo puído de um cinema pornô. Enquanto isso, em Valparaíso, as travestis eram arrebanhadas a coronhadas para os navios da marinha. Na nossa memória, a lenda de Ibáñez e seu cruzeiro do horror.

Mas na época ninguém acreditava que isso fosse verdade, e, em último caso, aqueles corpos orvalhados de hematomas eram meros dejetos da homossexualidade nacional, que folheava nas revistas de moda as imagens importadas da *gay parade* estrangeira. Sonhando-se na Califórnia ou juntando os trocados para participar daquela euforia. Tão distante dessa realidade ilegal de crimes impunes, do gotejar de bichas carneadas pela tinta vermelha de algum jornal, expostas em sua palidez de castigo como reiteração das punhaladas na bainha prateada da costela apátrida.

Cadáveres sobre cadáveres tecem nossa história em ponto-cruz carmim. Um cordão de feridas borda o estandarte de cetim revenido em halos de fumaça que bagunçaram as letras. Separando em estratificações de classe os viados, monas e travestis dos gays abastados em seu pequeno arrivismo traidor.

Dupla marginalização para um desejo em comum, como se fossem poucos os pontapés do sistema, os arranhões da chacota cotidiana ou a absoluta indiferença dos partidos políticos e das reivindicações do poder homossexual que vimos diminuído pela distância.

Apavorados pelo escândalo, sem entender direito a sigla gay com a nossa cabeça indígena. Talvez não quiséssemos entender e escapamos a tempo. Demasiados clubes e associações de machos sérios. Talvez nós, bichas, sempre tenhamos sido loucas: estigmatizadas de loucas como as mulheres.

Talvez nunca nos deixamos colonizar por aquele discurso importado. Linear demais para nossa louca geografia. Demasiada militância loira e musculatura dourada que sucumbiu no caldeirão pavoroso do HIV.

Então, como podemos assumir hoje tal projeto? Como erguer uma bandeira alheia, transformando-nos em satélites exóticos dessas associações formadas por maiorias brancas alérgicas às nossas plumas, que fazem seus congressos em inglês, e por isso nossa língua indo-americana não tem opinião influente na construção de suas políticas? Apenas assistimos, como irmãos menores, a partir de nossa gagueira indigenista. Dizemos sim sem entender, complexados pelo resplendor pulcro das capitais europeias. Eles nos pagam passagem e estadia, nos mostram seu mundo civilizado, nos incluem em sua pedagogia dominante e, quando vamos embora, varrem nossos rastros enlameados de seus tapetes sintéticos.

Como nos reconhecer na estética gay azulada e torturante dos mamilos atravessados por alfinetes de gancho? Como nos identificar com esses signos masculinos falopizados em couro, correntes e todos os seus fetiches sadomasoquistas? Como negar a mestiçagem materna com essas representações de força que hoje se remasculinizam em paralelismos misóginos filiados ao poder?

O gay se une ao poder, não o confronta, não o transgride. Propõe a categoria homossexual como regressão ao gênero. O gay inscreve sua emancipação à sombra do “capitalismo vitorioso”. Mal respira na força de sua gravata, mas assente e acomoda sua bunda mole nos espaços glamorosos que o sistema lhe oferece. Um circuito hipócrita sem consciência de classe que configura uma órbita a mais em torno do poder.

Talvez a América Latina, travestida de transições políticas, reconquistas e remendos culturais (que, pela sobreposição de enxertos, enterra a lua morena de sua identidade), aflore numa viadagem guerreira mascarada na cosmética tribal de sua periferia. Uma militância corpórea que enfatiza a partir da margem da voz um discurso próprio e fragmentado, cujo nível mais desprotegido por sua falta de retórica e orfandade política é o travestismo homossexual que se acumula lúmpen nas franjas mais sombrias das capitais latino-americanas.

Quem sabe a única coisa a dizer como pretensão literária a partir de um corpo politicamente não inaugurado em nosso continente seja o balbucio de signos e cicatrizes em comum. Talvez o sapatinho de cristal perdido esteja fermentando na vastidão deste campo em ruínas, de estrelas e martelos semienterrados no couro indo-americano. Talvez este desejo político possa ziguezaguear rasante por estes descampados. Talvez seja este o momento em que o fio puxado da modernidade seja a falha ou o flanco deixados pelos grandes discursos para espreitar através de seu tecido rasgado uma vigência sul-americana na condição homossexual avessa à servidão.

Texto lido como intervenção no encontro de Félix Guattari com estudantes da

Universidade Arcis em 22 de maio de 1991